

CONSIDERAÇÕES SOBRE PELES DE OVINOS

Ecólogo Manuel Antonio Chagas Jacinto (1)

INTRODUÇÃO

Trataremos do aproveitamento das peles de ovinos lanados e deslanados (pele coberta por pêlos).

A pele dos ovinos, que tem o objetivo de sua criação voltado para a produção de lã, oferece uma matéria-prima importante para a fabricação de couros muito cobiçado pelas indústrias peleteiras.

As peles processadas por curtumes especializados do sul do país assim como no exterior, são utilizadas na fabricação de casacos de peles onde a cobertura de lã natural fornece um revestimento adequado ao isolamento e consequentemente aquecimento nas baixas temperaturas.

Não só para vestuário, mas com inúmeras outras aplicações, este tipo N de couro é utilizado de forma singular. Vale ressaltar que os ovinos que têm sua pele coberta por pêlos, comumente denominados deslanados, ou "mestiços", fornecem a melhor pele do mundo, muito cobiçada no exterior.

Sabe-se que as raças Morada Nova, Santa Inês e outros deslanados participam com grande efetivo no total nacional deste tipo de pele, sendo que o nordeste brasileiro produz a grande maioria disponível no mercado nacional.

A pele de "mestiço" adequadamente tratado fornece um couro excelente para a fabricação de inúmeros artigos que necessitam de elevada maciez associada a grande resistência.

Calçados e vestuário fabricados com pele de mestiço são facilmente identificados pelas suas características nobres.

(1) Pesquisador do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A - IPT, Franca, SP.

1. ABATE

O abate organizado a nível industrial não será objeto de nosso estudo uma vez que as peles oriundas dos abatedouros são melhor classificadas devido ao preparo técnico dos operários que lidam com a esfola dos animais.

Nossa atenção esta voltado para o produtor que não dispõe de informações que lhe permitam o aproveitamento em pequena escala, das peles produzidas em sua propriedade rural.

O animal destinado ao abate deve ser poupado de todo tipo de "stress" para que a sangria seja completa, devendo ser abatido em local cimentado previamente lavado, bem iluminado para que o abate e a esfola sejam bem conduzidos.

O animal é preso pelas patas traseiras distanciadas aproximadamente 50 centímetros entre si e de cabeça para baixo, a uma altura que permita o trabalho cômodo de um homem.

O sacrifício do animal divide-se em duas partes: o atordoamento e a sangria. O atordoamento é feito com um só golpe na nuca e posteriormente procede-se à sangria cortando com uma faca as veias jugulares, próximo da garganta, deixando todo o sangue ser escorrido.

2. ESFOLA

Após ter sido abatido e feito a sangria, é recomendável que se proceda às linhas de corte orientando desta forma a esfola, que deve ser feita com faca de ponta curva ou romba.

A esfola deve ser iniciada pela articulação da perna traseira, retirando a pele até a altura da virilha. A partir deste ponto, segurar a pele com a mão esquerda e com a direita fechada ir pressionando entre a pele e a carne ou, com a mão direita aberta fazendo o mesmo trabalho até desprender a pele.

Outra forma de retirar a pele do animal é desprendê-la até a altura da virilha e toda parte ventral e puxar no sentido póstero-anterior até a completa remoção.

O trabalho pode ser realizado com faca de

ponta curva com muito cuidado para não furar a pele, pois uma das grandes causas de desclassificação das peles ovinas é o corte provocado por facas inadequadas ou trabalho mal conduzido.

Existe ainda a técnica que emprega o ar comprimido injetado através de uma incisão no membro posterior do animal, à altura da perna. Com a injeção de ar entre a pele e a carne ocorre a separação da pele e a carcaça com certa facilidade, porém este método é pouco difundido, mas muito bom, pois traz pouca carne aderida à pele.

Retirada a pele do animal, esta deve ser lavada com água limpa e sabão neutro, para eliminar urina, fezes, sangue e terra, especialmente peles com lã.

É necessária a remoção de toda carne e gordura que eventualmente venha aderida à pele. O descarne, como é chamada esta operação, pode ser feito em cavalete adequado que traz fixada uma lâmina no sentido vertical. O operador senta no cavalete atrás da referida lâmina e passa o carnal (lado oposto ao dos pêlos) na parte frontal da lâmina que deve ter um fio não muito pronunciado para não cortar a pele.

Outra maneira de eliminar os restos de carne e gordura da pele é feito apoiando-a sobre um palanque ou cavalete semi-cilíndrico e presa na seção articulada de uma das extremidades do palanque.

O palanque deve ter a mesma curvatura da trincha ou do gadanho, para que este utensílio seja corretamente manejado.

3. CONSERVAÇÃO

As peles removidas do animal através da esfolação, constituem a pele fresca. Em tal estado, com aproximadamente 61% de água, e devido às transformações post-mortem, ficam sujeitas a deterioração.

A conservação nada mais é do que interromper todas as causas que propiciem a atividade dos microorganismos, de modo a preservar as peles nas melhores condições possíveis, até o início dos processos que irão transformá-las, pelo curtimento, em material estável e imputrescível.

De um modo geral, os processos de conservação baseiam-se no emprego de sal para promover a desidratação, impossibilitando o desenvolvimento bacteriano e a ação enzimática.

3.1. Conservação sem sal

3.1.1. Secagem

A secagem pode ser natural, indicada para regiões de clima quente com umidade relativa baixa, ou controlada, indicada para regiões onde a umidade relativa é alta.

Este processo de conservação por secagem baseia-se na desidratação das peles até 12% aproximadamente.

A duração da secagem depende da circulação do ar, da temperatura e da umidade relativa e não pode ser nem muito lenta, nem muito rápida. Não é recomendada a secagem de peles em dias muito úmidos e nem muito chuvosos.

A operação de secagem deve ser precedida de uma limpeza do carnal com a remoção de gorduras e restos de carne.

Na secagem, a pele é pregada com tachas ou pregos sobre uma placa de madeira um pouco maior do que seu tamanho, com os pêlos ou a lâ em contato com a madeira. Esta placa deve ser mantida à sombra em local ventilado onde animais como cães e gatos não tenham acesso.

Outra forma de secagem é conseguida estendendo a pele sobre um saco de estopa esticado e emoldurado por um quadro de madeira com a parte do pêlo virado para cima, devendo-se esticar bem para que a pele fique bem aderida ao saco sem nenhuma dobra para evitar apodrecimento.

Colocar o quadro na sombra em local seco e ventilado observando um ângulo com a horizontal de 30-45°.

As peles secas diretamente ao sol, estaqueadas ou não, causam sérios problemas na industrialização, uma vez que drástica desidratação aglomera os feixes de

fibras de colágeno, proteína estrutural da pele, fazendo com que seja quase impossível o reverdecimento.

3.1.2. Conservação de Curta Duração

É um processo baseado na aplicação de bactericidas e fungicidas por pulverização ou por imersão.

São utilizados vários produtos como: pentaclo-rofenato de sódio; cloreto de zinco; clorito de sódio e ácido bórico.

Deve ser considerado que o efeito inibidor do desenvolvimento de microorganismos dura de alguns dias até 2 a 3 semanas, justificando, na maioria das vezes, a utilização de outra forma de conservação.

Alguns autores questionam o uso desses preservantes acreditando que possam trazer influência negativas à pele depois de curtida.

3.1.3. Conservação por resfriamento

As peles podem ser conservadas por resfriamento, iniciando o condicionamento até + 3°C e depois de dobradas com o carnal para dentro, levar até temperatura de -1°C que deve permanecer constante.

Neste tipo de conservação as peles podem permanecer durante um mês.

O congelamento de peles é condenado por alguns autores por acreditarem que os cristais de gelo rompem a estrutura de colágeno que constituem as peles. Outros não aceitam este critério por não ter sido devidamente demonstrado o efeito prejudicial do congelamento.

3.2. Conservação com sal

3.2.1. Salga a seco

Em todo processo que utiliza o sal este deve ser puro, de boa procedência e limpo, apresentando granulometria média de 1 a 3 mm.

É executada em local cimentado e coberto, pro-

tegido de animais como cães e gatos.

Sobre o cimento, colocar uma camada de sal, e sobre este, uma pele com o pêlo voltado para baixo, em contato com o sal, a parte da pele voltada para cima (carnal) também deve receber sal. Em seguida sobrepor outra pele na mesma posição, sempre intercalada com uma camada de sal até completar a pilha que não deve ultrapassar 65 cm, durante 30 dias, para o processo de cura.

Comumente emprega-se 50% de sal, em relação ao peso das peles "in natura".

O aquecimento das peles em pilhas indica que está havendo desenvolvimento bacteriano, o que ocorre quando a desidratação é insuficiente. Dessa forma, as peles de ovinos lanados são muito susceptíveis devido ao isolamento térmico proporcionado pela lã. Uma forma de detectar o problema é medir a temperatura externa e interna das pilhas. Caso haja grande diferença de temperatura, a pilha deve ser desfeita.

3.2.2. Salmouragem e Salga

A nosso ver este processo é um dos mais perfeitos, resultando, quando bem conduzido, em peles de óptima conservação, indicado inclusive para peles destinadas à exportação.

A salmouragem é executada em tanques, tinas ou baldes com a salmoura a 24° Bé ou salmoura saturada durante 12 horas. Após este tempo retirar as peles do banho e deixar escorrer o excesso de água.

A salga deve ser feita como uma complementação do processo e o método a ser utilizado é o mesmo daquele indicado para salga a seco, ou seja, colocar uma camada de sal sobre o cimento estender a pele com o pêlo voltado para baixo e colocar sal em todo o carnal (lado oposto ao lado dos pêlos).

A altura das pilhas não deve exceder a 1,20 m e o tempo de empilhamento não deve ser superior a 21 dias.

A salmouragem é pouco utilizada em peles lanares por reter muita umidade no velo.

3.2.3. Salga e secagem

A salga deve ser conduzida colocando-se as peles apoiadas sobre um estrado de madeira com o pêlo ou lã voltados para o estrado.

Podem ser montadas pilhas sempre interpondo entre as peles uma camada de sal de no mínimo 50% do peso daquelas. A altura máxima de uma pilha não deve ultrapassar a 1,0 m.

Nesta pilha as peles deverão permanecer de 1 a 2 dias, no mínimo. Após este tempo, as pilhas são desfeitas para então se proceder à secagem que deve ser feita pendurando as peles em cordas ou varas.

Este método é especialmente recomendado para regiões de clima quente e alta umidade relativa.

4. ARMAZENAMENTO

4.1. Peles conservadas com sal

O local de armazenamento deve ser galpões cobertos e fechados com paredes, apresentando um portão grande e sistema de ventilação e iluminação indireta. Devem ser frescos e permitir ventilação moderada, sendo o piso de cimento.

Em pequenas propriedades, as peles podem ser armazenadas em recintos cobertos e cimentados e as pilhas deverão ser colocadas sobre estrados ou na ausência deste, suspensas em plataforma, mas sempre sem a incidência de raios solares diretos.

É conveniente que sobre as peles se espalhe inseticidas em pó para controlar insetos e roedores e que as mesmas não estejam ao alcance de cães.

4.2. Peles conservadas por secagem

O local de armazenamento deve ser semelhante ao indicado no ítem anterior, com o sistema de iluminação artificial.

As peles lanares, depois de secas, devem ser armazenadas em pilhas, colocando lã com lã ou couro com

couro. Toda pele conservada por secagem deve ser protegida com inseticidas em pó ou produtos repelentes contra insetos e roedores, devendo permanecer fora do alcance de cães e gatos.

5. MERCADO DE PELES OVINAS

Excluindo aquela parcela de peles explorada de forma racional, através de abate em frigoríficos, daremos maior atenção àquelas que são comercializadas pelo próprio produtor diretamente com os intermediários. Esses elementos são responsáveis pela ligação entre o produtor e o curtume.

Na região nordestina é comum existir mais de um intermediário no caminho da pele ao curtume, fazendo com que a ela seja agregado um valor extra aumentando conseqüentemente o custo.

Alguns curtumes fornecem valores como adiantamento de pagamento para que os compradores saiam à procura de peles junto aos produtores na tentativa de minimizar os custos.

Uma parte da produção nacional de peles de ovinos deslanados é exportada na forma de "wet-blue" e corresponde às peles extras em qualidade e tamanho. No mercado nacional as peles são comercializadas na sua maioria semi-acabada e acabada.

6. CURTIMENTO

Nas tradicionais regiões produtoras de peles ovinas de animais lanados ou deslanados, as indústrias curtidoras situam-se bem próximas aos centros produtores de peles.

O Brasil conta com uma boa tecnologia de curtimento de peles de ovinos o que lhe garante espaço nas importações dos grandes compradores mundiais.

A pele exportada é considerada extra em qualidade e tamanho, e geralmente é comercializada na forma "wet-blue". A parcela de peles destinadas à exportação é pequena considerando a produção nacional.

Um número expressivo de peles "in natura",

produzidas no Brasil, é de baixa classificação, representando mais da metade da produção nacional.

Os cuidados com a pele durante a esfola e conservação são fundamentais para determinar a boa classificação quando esta é entregue às indústrias curtidoras. Estes cuidados aliados ao correto manejo, quer na propriedade rural ou durante o transporte dos animais, vão contribuir para reverter o quadro de peles de baixa qualidade existente atualmente.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BELAVSKY, E. O Curtume no Brasil. 1ª ed. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da livraria do Globo S/A, 1965.
- BELLAVER, C. As Peles. SOBRAL, CE. EMBRAPA, 1980. (EMBRAPA. CNPC. Circular Técnica, 03).
- FAERTES, V. OVELHA Karakul: Abra a Porteira para a Rainha do Deserto. Rio de Janeiro. BLOCH Editores S/A. 31, 6-10, 1989.
- GINALDO, C. & SILVA, R.C. Aspectos da Caprino - Ovinocultura na Região Nordeste: Tecnologia, Produção e Comercialização. Recife, SUDENE/DPS/AAB, 1988.
- GREEP, R.O. & WEISS, L. Skin in: Histology. 3ª ed. New York, Ed. McGraw-Hill book Company, 1973. p. 477-510.
- HOINACKI, E. & GUTHEIL, M.C. Peles e Couros. 1ª ed. Porto Alegre, CIENTEC, 1978.
- JUNQUEIRA, L.C. & CARNEIRO, J. Pele e Anexos in: Histologia Básica. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed Guanabara Koogan, 1974, p. 340-352.
- MONTAGNA, W. & PARAKKAL, P.F. The Structure and Function of Skin. 4ª ed. London, Academic Press, 1974.

PADILHA, T.N. & SIQUEIRA, K.M.M. Classificação das Peles Caprinas e Ovinas de Algumas Regiões do Nordeste do Brasil Curtidas ao Cromo. Petrolina-PE, EMBRAPA, 1981.

PALERMO, H.F. As Peles de Caprinos e Ovinos Deslanados: Sua Importância Econômica Para o Nordeste do Brasil. São Paulo, Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A, 1981.

ROCHA, V.F. & OLIVEIRA, W.F. Medidas Aconselháveis para a Melhoria da Qualidade do Couro. São Paulo. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S/A. 1(9) 1985.

VIEIRA, G.V.N. Criação de Ovinos. 3ª ed. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1967.